

A única luz possível no fundo do abismo brasileiro

» MIGUEL NICOLELIS
Médico e cientista

No final de março de 2021, o mês mais letal desde o início da pandemia da covid-19 no Brasil, muitos não conseguem enxergar nenhuma luz no fundo do abismo em que o país continua a despencar, completamente fora de controle. Passados 13 meses do início da maior crise sanitária da nossa história, a cada dia cerca de 100 mil novos casos e 4 mil mortes são acrescidos aos números desta tragédia. Nas últimas semanas, como epicentro mundial da pandemia, o Brasil passou a ser cotidianamente manchete na imprensa internacional, bem como objeto de preocupação da OMS e de outros governos. E não poderia ser diferente. Está muito claro para a comunidade internacional que qualquer esforço para controlar a pandemia será seriamente comprometido caso o Brasil continue nesta espiral, onde o coronavírus se espalha e sofre mutações sem grandes entraves, gerando variantes que podem escapar pelas nossas fronteiras porosas e alcançar todo o planeta numa questão de dias.

Não bastasse isso, envolto num colapso hospitalar nacional sem precedentes, o Brasil também vê crescer no seu horizonte a iminente ameaça de um colapso funerário, que pode elevar a crise nacional de mortalidade, bem como provocar a contaminação do solo e do lençol freático. Uma vez cruzado este verdadeiro ponto de não retorno, a volta à normalidade no Brasil será medida em anos, não mais em meses.

Alheio a esta tenebrosa realidade, o governo federal, liderado pelo inimigo público número 1 do combate ao coronavírus, assiste impávido e resolutivo ao país despencar rumo ao caos. Sem alterar de forma significativa nem o discurso, muito menos sua estratégia de não defender ações reconhecidamente efetivas para conter a transmissão do vírus, o governo empossou o seu quarto preposto ministro da Saúde em um ano e, ato contínuo, anunciou a criação de uma comissão nacional. Só “para inglês

ver”, pois tal comissão, destituída de representatividade política ampla, claramente não desempenhará nenhum papel operacional relevante, servindo como cortina de fumaça para ocultar a continuidade de uma política sanitária — se é que se pode usar este termo — fracassada, que já custou a vida de 326.683 brasileiros (até 1º de abril).

Neste contexto, dados preliminares indicam que o Brasil pode ter atingido um patamar inédito de mortalidade. Segundo o site *transparecia.registrocivil.org.br*, em fevereiro de 2021, foram registrados 200.034 nascimentos no Brasil. No mesmo período, um total de 121.559 óbitos (por covid-19 ou outras causas) ocorreram, gerando uma diferença de apenas 78.475 mil nascimentos a mais do que mortes. No mesmo período de 2020, antes do início

da pandemia, essa diferença foi de 105.449 mais nascimentos (198.735) do que mortes (93.286). Em 2019, a média anual foi de 126.124 mais nascimentos do que óbitos por mês. Surpreendentemente, em março de 2021 foram registrados até agora apenas 47.047 mais nascimentos (220.302) do que óbitos (173.255), uma redução de 63% no excedente de nascimentos mensais. Isso quer dizer que, se o número de mortes por covid-19 (e por outras causas) continuar a subir, o Brasil pode viver o primeiro momento da sua história em que as mortes superaram os nascimentos de novos cidadãos. Tal tendência ilustra a magnitude profundamente épica do impacto da covid-19 no país.

Dentro deste festival de horrores, existe hoje um consenso que o Brasil precisa tomar pelo menos três medidas urgentes para tentar reverter a crise. Primeiro, é imperativo que um lockdown nacional seja implementado por pelo menos 21-30 dias para reduzir rápida e drasticamente a taxa de transmissão do vírus. Em paralelo, é preciso reduzir o tráfego não essencial pelas malhas rodoviárias, aeroviárias e ferroviárias do país. No que tange à vacinação, é necessário garantir suprimento para que 2-3 milhões de pessoas sejam imunizadas diariamente. Essas três diretrizes precisariam ser implementadas por uma comissão de salvacão nacional legítima e representativa que, contando com o apoio do congresso, do STF, do fórum dos governadores, das associações nacionais de prefeitos e de membros da sociedade civil e da comunidade científica, passariam a coordenar, de forma independente do poder executivo, todo o manejo da pandemia, com a missão de impedir que, pela primeira vez na nossa história, o abismo seja maior do que o Brasil.

Coordenar, isolar, bloquear e vacinar: quatro palavras que definem a receita para tentar escapar do cataclisma que nos espera se nada for feito, para ontem.
#BASTA



O vento virou

» SACHA CALMON
Advogado

Minha avó gostava da “viração” à tardinha quando a maré começava a subir as três da tarde trazendo a “frescata”, e assim ia, seguidamente, virando cada dia mais tarde até às nove, quando ela ia dormir (as leis naturais são imutáveis).

As leis da política não. E nem sempre refrescam, mas podemos extrair alguns padrões. O poder político exalta para sempre certos políticos como Otávio Augusto, em Roma, Roosevelt, nos EUA, que ele tirou da recessão, e Alexandre, o Grande, na Grécia macedônica. Ao contrário, pode demonizar para sempre reputações políticas egóicas ou temíveis: Atila, rei dos hunos, Hitler e Mussolini, entre tantos.

Outras personalidades estacionam no lusco-fusco da história: Napoleão, de Gaulle, Cleópatra do clã macedônico dos Ptolomeus, Júlio César, apunhalado no “senatus romano”, até por Brutus, seu afilhado.

Aqui, no Brasil, estamos a ver os primeiros sopros, da “viração”. Mas a que me refiro é política. Uma maré de natureza pessoal não refresca, antes, descabela e atinge a cadeira da Presidência da República na pessoa do seu ocupante. Quando a maré votante sobe na praia do “ruim ou péssimo” no meio de mau tempo, dificilmente, deixa o perfil da guarda-vidas com a mesma reputação. O modo dele se comportar, com denodo ou desmazelo, o marcará para sempre.

Passo a explicar. Ao tirar Pazuello obediente, mas de fraca mordida do Ministério da Saúde (já é o quarto em dois anos), o presidente mostrou sentir o vento desagradável do “ruim ou péssimo”, onda que se avoluma e segue sem parar.

É mais do que isso, é a confissão de que errou. Agora, ninguém “vira mais jacaré” se to-

mar “a vacina da China”, ora produzida no Buntã, com capacidade dez vezes maior do que a AstraZeneca da respeitada e pluriapta Fundação Osvaldo Cruz, em Manguinhos, no Rio. Ali se produz mais de 15 vacinas. No particular, pode-se ver que Doria ganhou o pugilato.

A desvantagem de falar muito é engolir, além de mosquitos, as inverdades já pronunciadas. Falou? Está falado. Mas não é que o presidente agora se diz a favor da vacinação? Rápido, esqueceu-se de nos ter chamado de “maricas”! (Mas se nega a mostrar o seu cartão de vacinação). Nesse mato tem coelho, e dos grandes. A uma, porque vários líderes mundiais, com muito mais reputação e visibilidade que o sr. Bolsonaro, se deixaram ver sendo vacinados. A duas, porque ele, que já teve a covid-19, a tal da “gripezinha”, portando, pois, anticorpos específicos, não tem motivo para fugir ao desafio. Bate o pé que não se vacinará, mas nega a provar não tê-lo feito. Qual a razão? Que problema há em mostrar a cartela? Ele briga com a vacina. É contra.

E, vem agora, como jabuticaba temporã dizer que vai vacinar o povo. A contradição é evidente, não passa da espuma que resta na praia depois do refluxo da maré, reflexo da queda de sua reputação. Acaba de sair a última pesquisa de opinião sobre a sua gestão da pandemia. Os que acham seu governo ruim ou péssimo subiu para 54%. Antes, era 48%. Entre os que o acham ótimo ou bom somam 22%. Antes eram 26%. Como se não bastasse, é sabido que o nosso presidente — e não me esquivo de dizer que votei nele no 2º turno — foi ríspido nos entreatos para escolher o novo ministro da Saúde. O Centrão não gostou nem num pouco do tratamento dado ao convite para Ludhmila Hajjar ocupar o Ministério da Saúde.

Quando a maré baixa, há uma sucessão de quedas na areia pelo refluxo das ondas. Um querido assessor presidencial foi fotografado quando, em comunicação visual com o presidente, fez-lhe um gesto típico dos supremacistas brancos norte-americanos. Está aí uma novidade que nem sabia! Mas que falta de propósito é esse assessor Filipe Martins? Nosso povo é mestiçado. Temos orgulho tanto dos migrantes italianos como dos índios que passaram aos nortestinos feições típicas das raças amarelas (os índios penetraram as Américas vindos da Ásia). Respeitemos os negros que escravizamos e que deram grandes contribuições em todas as áreas ao Brasil de todos nós. Bastam dois exemplos: Machado de Assis (é escritor, não se confunda) e Pelé.

V.Sa. está vazando na maré, porque insiste em proclamar inverdades. Não é tão fácil de ser levado o nosso povo. Não se fie na eleição que ganhou. A análise de sua vitória será feita pelos historiadores e irá surpreendê-lo. V.Sa não a ganhou, os outros a perderam numa fase muito especial de nossa história. Quem viver verá! Portanto, não me venha botar a culpa em governadores e prefeitos. O povo que acha sua assertiva correta soma apenas 17%. A maioria ou seja 43% entende que a péssima condução da pandemia é de sua responsabilidade, do seu descaso, do seu despreço para com o povo mais pobre.

Quanto ao seu desejo de virar a mesa não tem apoio na OEA e muito menos nos EUA. Tampouco nos comandantes militares — sejam eles quem forem. Os atuais e os que lá estiveram, com honra, desaprovam golpes para torna-lo ditador (é o que você é, foi e sempre será). A história se repete! Tudo para esconder o seu fracasso!

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Triplex nos tristes trópicos

Não bastasse a pandemia, que colocou o Brasil no primeiríssimo lugar em número de mortes por covid-19, obrigando boa parte do mundo civilizado a fechar suas fronteiras para nossos nacionais, vistos agora como focos ambulantes e perigosos. Não bastasse, também, o desmilinguir de nossa economia, os milhões de desempregados, além, é claro, da falência ética total daqueles que ocupam os principais postos de comando do Estado ainda assim temos que assistir, perplexos e desalentados, nossa Justiça — que, durante o curto período em que o país foi paralisado pela Operação Lava-Jato, parecia ter adquirido algum sopro de vida — ser revirada do avesso, numa espécie de distopia da lei e da desumanização das ordens naturais e jurídicas.

Para os brasileiros de bem, o que está ocorrendo na Suprema Corte não deixa espaço para dúvidas: estamos imersos no mais descomunal esfarelamento dos valores básicos que norteiam as relações sociais, até mesmo nas mais primitivas sociedades humanas. Sem o valor ético das leis, elas se tornam incompreensíveis e não-palatáveis para os cidadãos cômico de suas responsabilidades, servindo apenas como estímulo à desordem e à desobediência.

É justamente pelo caminho da desobediência civil que o país parece rumar quando, ao lado de uma crise sem precedentes, os brasileiros ainda se vêem obrigados a aceitar o errado como certo, a injustiça como justiça e o que está redigido nas tábuas da lei como o que nasce da cabeça e da sentença de cada um desses juizes supremos.

O Supremo ensaia seu retorno ao jazigo hermético e apartado da nação. Desde que se cumpriu a predição que rezava que não tardaria para uma maioria silente formar concessão e desmanchar, linha por linha, todas os vereditos e condenações impostas à maior quadrilha de criminosos já vista nesse país, é isso que vem ocorrendo, diante de todos, para vergonha dos brasileiros de bem e para espanto do resto do mundo.

A decisão de remeter à Justiça do Distrito Federal todo o processo do triplex do Guarujá (SP), anulando todas as provas e iniciando o julgamento a partir do zero, além da decisão da Segunda Turma do STF de declarar uma suposta parcialidade do ex-juiz Sergio Moro contra Lula, são apenas o trailer de uma narrativa que hora se inicia para dismantelar a Operação Lava-Jato.

Na sequência, virão a extensão desses vereditos também para as condenações do sítio de Atibaia e para as decisões acerca do Instituto Lula, uma espécie de lavanderia com o nome do dono e artífice desses descaminhos. Anteriormente, esses deuses do Olimpo já haviam modificado a decisão sobre prisão em segunda instância, numa preparação para o que viria a seguir a toque de caixa. Para dar ainda maior caráter onipotente a essas decisões bizarras, o Supremo vem, sem nenhum recato, ordenando a prisão e a censura a todos que ousem criticar seu malfadado desempenho. Com tudo isso, o que se observa é que o sistema jurídico que temos pelas mãos de nossos ministros, mesmo numa democracia frágil como a nossa, é aquele que está sendo utilizado não apenas para propósitos autoritários e pessoais, mas, sobretudo, posto a serviço das mesmas elites de delinquentes que sempre mandaram nesses tristes trópicos.

» A frase que foi pronunciada:

Três âncoras deixou Deus ao homem: o amor à pátria, o amor à liberdade, o amor à verdade. Cara nos é a pátria, a liberdade, mais cara; mas a verdade, mais cara de tudo. Damos a vida pela pátria. Deixamos a pátria pela liberdade. Mas à pátria e à liberdade renunciemos pela verdade. Porque este é o mais santo de todos os amores. Os outros são da terra e do tempo. Este vem do céu e vai à eternidade...

Rui Barbosa

Tanto riso

» No Blog desse domingo, uma crônica de Kleber Farias Pinto conta, com humor, como foi que o jornalista Ari Cunha chegou à Brasília. Havia uma Associação dos Frequentadores do aeroporto onde voluntários buscavam os recém-chegados, já que não havia outro meio de transporte. Kleber buscou Ari, mas não era bem quem ele gostaria de ter buscado.

Mais alegria

» Para os pacientes internados, o mais difícil é não poder contar com a presença de um familiar. Em alguns hospitais, a agonia por informações é uma tortura. Sensível a essas dificuldades e sofrimentos, a médica do HUB Isadora Jochims criou o “Prontuário afetivo” que identifica pacientes de covid-19 descrevendo suas “paixões”.

Desumano

» São dezenas de vídeos nas redes sociais mostrando algumas profissionais da saúde fingindo aplicar a vacina. Uma verdadeira lástima depois de horas de espera pela imunização. Denunciadas, deveriam ser exemplarmente punidas.

Alimentos

» Entre 2000 e 2018, a área agrícola do DF teve uma expansão de 22,68%. A informação é do IBGE.

» História de Brasília

Os ônibus da linha Palácio da Alvorada não têm parada certa. Quando o motorista está de bom humor, para onde o passageiro deseja. Quando não, sai da Rodoviária e para somente no Planalto, onde há um ponto. No período intermediário, qualquer parada tem sido de favor. Seria bom a TCB estudar o assunto. (Publicado em 28.01.1962)